

# Observador

N.º 33 / 1. OUTUBRO 1971 / 7950

## SONHO: UMA CONSTANTE DA VIDA

Fundação Cuidar o Futuro





# MISSÃO E ESPERANÇA

Num quadro arquitectónico surpreendente, pela novidade e arrojo da concepção, pelo despojamento intencional de formas e materiais; a dois passos da praia apetedida, entre o marulhar das ondas calmas e a frescura da floresta, o Seminário da Boa Nova (Valadares) foi o local da IX Semana de Estudos Missionários (19 a 24 de Setembro).

Duzentos participantes (leigos, religiosos, seminaristas, padres) reúnem-se, sob a sombra sedutora de Karl Rahner, para reflectir sobre "Missão e Esperança dos Homens". O grande teólogo alemão, de saúde abalada, viu-se forçado a cancelar, entre muitas outras, a viagem a Portugal, e que seria a primeira ao nosso país. Mas vieram os textos das suas três conferências, e foram elas que marcaram o rumo da Semana e deram o tom sério e exigente à reflexão.

Rahner é um teólogo difícil, profundo, renovador, que se não deixa embarcar em modas ou ideias feitas. Tema em que ele pegue é tema visto em insuspeitadas perspectivas, numa visão marcada pelo génio da originalidade de raciocínio e compreensão. Foi assim que o ouvimos, entre esforçados e surpreendidos, dissertar sobre a esperança, essa virtude teológica vulgarmente definida como a situação provisória do crente que aguarda a posse de Deus. Mas Deus é Aquele sobre o qual o homem não tem poder, diz Rahner, e a esperança não é algo de provisório ou passageiro. Dela diz S. Paulo que "permanece", o que significa — conclui o grande mestre de Münster — que é a permanente remoção do provisório para lançar-se em Deus, de quem o homem, pura e simplesmente, não pode dispor; a esperança é o permanente "sair de si" para entrar em Deus, Aquele que é a possibilitação em acto do amor e da verdade absolutos.

Pura e vaga especulação, sem consequências concretas? De modo algum. E aí está o prof. Rahner a concluir a primeira conferência, afirmando a dimensão cósmica e social da esperança como seu momento essencial. A renovação perene das estruturas profanas é o caminho que o Concílio (*Lumen Gentium*) lembrou aos leigos para manifestar ao mundo a esperança que os anima por dentro. "A esperança no futuro absoluto de Deus, salvação escatológica, que é o próprio Deus absoluto, não é a legitimação de um conservadorismo, que, tudo cristalizando,

prefere timidamente a segurança do presente a um futuro desconhecido; não é o ópio do povo, que repousa tranquilo na situação presente, mesmo quando esta é dolorosa; é assim a autorização e o projecto de uma saída confiante, e sempre renovada, do presente para o futuro." E mais adiante: "O cristão deve imprimir a sua esperança nas estruturas do mundo. Isto naturalmente não significa que determinadas estruturas fixas do seu mundo profano, uma vez instauradas, venham a ser, de uma vez para sempre, a objectivação permanente da sua esperança escatológica. Pelo contrário. Seja qual for a estrutura da vida terrena, quer a presente quer a futura, ela é posta em causa pela esperança como aspiração para Aquele que foge absolutamente à nossa disponibilidade. O acto histórico e social da esperança realiza-se precisamente neste pôr em causa. Mas não é tudo. O cristão assume também o passar da *forma deste mundo*, que ele não exenta mas que soffre na sorte individual da própria vida, na morte e na renúncia que a inicia. Um revolucionarismo selvagem e exclusivo é ou a absolutização da forma do mundo imediato (e portanto o oposto da esperança), ou uma forma de presunção (que conhece apenas aquilo de que imediatamente se pode

dispor), ou então é o desespero, que nada espera, e tudo recusa."

**Igreja e Mundo.** A segunda lição de Karl Rahner subordinava-se ao título "Missão Salvífica da Igreja e Humanização do Mundo".

A Igreja não está fora ou acima do mundo, contemplando estática e desinteressada o drama do homem nesta terra e neste tempo, enquanto aguarda que a vida eterna o venha compensar das frustrações desta vida. Seria uma atitude de facto alienante, a dar razão a Marx e a quantos, antes ou depois dele, a têm acusado de ser o "ópio do povo".

Mas a reacção a um verticalismo desencarnado pode levar a um horizontalismo radical, que Rahner repudia enérgicamente como apostasia e abolição do Cristianismo. Ele explica-lhe bem as causas que até certo ponto o justificam: excessiva tendência desmistizadora, a mentalidade científico-técnica do novo mundo e do empirismo metodológico dos nossos dias, a nova responsabilidade do mundo como novo sentido do homem. Mas logo lhe delimita, com vigoroso rigor, os aspectos positivos e os equívocos de tanta conclusão apressada.

O horizontalismo radical é um verdadeiro e violento desafio a que a fé é cha-

A dois passos da praia: repensar a boa nova na Boa Nova.





Teresa Santa-Clara Gomes, Alçada Baptista e Pedro da Cunha: três dos participantes na mesa-redonda sobre "Missão e Desenvolvimento".

mada a responder. Mas a resposta da fé não pode consistir numa pura confrontação, lado a lado, do horizontalismo e do verticalismo. A resposta consiste fundamentalmente em compreender a relação com o mundo primordialmente como uma relação com os outros, nossos contemporâneos, com o tu pessoal, e não como uma relação perante um meio ambiente material. As relações perante Ieu só podem ser verdadeiras por meio da graça, se as relações inter-humanas forem como devem ser, isto é, de confiança mútua, de responsabilidade e de amor. Só assim o homem pode compreender o significado de Deus. A interpretação básica do homem pelo Cristianismo reside na interligação inquebrável da relação do homem para com Deus e do homem para com o próximo. O Cristianismo não acrescenta ao horizontalismo a dimensão vertical do homem, como aditamento novo, não o sobrecarrega com duas responsabilidades. O verticalismo tendente para Deus, distinguindo-se do horizontalismo voltado para o homem, tem maior dignidade e representa o dever mais radical do homem. Mas ambas as dimensões se condicionam mutuamente de forma absoluta, não sendo possível encontrar a Deus sem entrega de amor ao próximo.

E aí vêm as consequências. A Igreja tem uma missão a desempenhar no mundo, a que não pode furtar-se sem se negar a si mesma. Amor ao próximo, acentuou Rahner, não significa uma mera atitude sentimental, mas uma acção concreta e objectiva de serviço do outro. O sujeito da humanização directa do mundo não é, nem pode ser, a Igreja em si. Mas ela pode e deve animar grupos cristãos a organizarem-se ao serviço da humanização do mundo, como pode e deve ajudar as instituições profanas a atingirem os seus

objectivos, desde que estes sirvam a dignidade do homem; e pode ainda transformar-se numa instância crítica perante as condições sociais, evolutivas e revolucionárias em que vivemos.

**Teologia da Revolução?** Falar da esperança é tocar nas esperanças (ou ilu-

sões) dos homens e nos caminhos que elas sonham ou sugerem. E aí está a Revolução (por mais vago, indefinido e diversificado que o conceito se apresente) a impor-se como a sedução maior do homem actual, ou porque insatisfeito e desiludido duma sociedade de consumo, ou porque

A Semana despertou grande atenção entre os jovens. E os problemas concretos e actuais do nosso país e do mundo em geral, como pedida de objectiva e uma reflexão abertamente anticademi-





Aspecto da mesa-redonda. Cada um dos intervenientes abordou o tema missionário do seu específico ponto de vista.

esmagado por condições de infra-humanidade. O facto não pode escapar ao teólogo atento. A "teologia da Revolução" surge assim como fruto natural duma reflexão teológica sobre o mundo concreto em que vivemos. Mas o que é a Teologia da Revolução?

Rahner afirma que não é possível admitir uma teologia da Revolução como moda passageira ou como compensação para as frustrações duma teologia actual. E logo acrescenta que uma teologia deste tipo pode fundamentar-se no pressuposto de que pode e deve existir algo de semelhante em todas as circunstâncias, advertindo que é falso partir antecipadamente do conceito de revolução para o conceito e a realidade da violência.

**Missão e Desenvolvimento.** A primeira parte da Semana culminou com uma mesa-redonda, em que participaram Pedro da Cunha, Alçada Baptista, Manuel Ferreira Martins, Teresa Santa-Clara Gomes, Maria de Lurdes Pintasilgo, o bispo D. Eurico Dias Nogueira e o rev. Francisco Gonçalves dos Santos. Cada um deveria abordar o tema proposto, "Missão e Desenvolvimento", do seu ponto de vista específico e de um modo convergente para uma compreensão global da relação dialéctica dos dois conceitos (e das duas realidades!). Mas se os intervenientes foram mais ou menos felizes na especialidade, já a síntese se não verificou, embora tenhamos assistido a exposições isoladamente brilhantes, como a da eng. Pintasilgo sobre a situação e perspectivas da mulher, no mundo de hoje e do futuro; a do dr. Alçada Baptista, desmitizando certos pseudovalores do progresso técnico e desmascarando a ingenuidade dos que acreditam numa sociedade ideal; a do bispo de Vila Cabral, respondendo à acusação de enfeudamento da Igreja em Moçambique; ou a do dr. Francisco dos Santos, relacionando teologicamente "Missão e Desenvolvimento".

O relativo fracasso da mesa-redonda seria largamente compensado pela profun-

didade e clareza com que o mesmo tema foi abordado pelo P. Charles Couturier, professor do Instituto Católico de Paris, na segunda parte da Semana.

**Fé e Desenvolvimento.** O desenvolvimento é hoje uma das mais fortes aspirações humanas. Mas que se entende por desenvolvimento? Económico? Sócio-cultural? Ou o desenvolvimento integral (de todos os homens e do homem todo), de que fala Paulo VI na *Populorum Progressio*?

Só este último será autenticamente humano. Ao contrário do ateísmo existencialista ou marxista ("o homem só pode ser ele mesmo sem Deus"), o Cristianismo ensina que o homem só será ele mesmo na dependência de e voltado para Deus (o que, em vez de aliená-lo, o estimulará a colaborar activamente na transformação do mundo). Todo o esforço do homem para um mundo equitativo e fraterno é sinal da presença actuante do Espírito na humanidade. E não é só o ateísmo que rompe a fé cristã. Uma concepção do Cristianismo, segundo a qual a história da salvação nada tem a ver com o esforço do homem para melhor viver na Terra, não é menos insidiosa nem mais exacta.

**Desenvolvimento e Terceiro Mundo.** Relacionando os dois termos, Couturier acentuou sobretudo a ambiguidade dum desenvolvimento que seja uma imposição ao Terceiro Mundo dos modos de ser e dos modelos culturais que lhe são estranhos, e põem em risco valores autênticos e específicos desses povos, e até a sua própria autonomia. "É preciso reconhecer, em teoria e na prática, a multiplicidade de tipos de desenvolvimento". E a concluir: "Animadas por um sentido profundo da fraternidade universal em Cristo, as comunidades cristãs têm a responsabilidade de instaurar entre si relações humanas plenamente fraternas e de difundir este espírito entre os povos onde se encontram implantadas."

**O Padre e o Desenvolvimento.** O padre



e a actividade política é um tema escaldante a vários títulos. Qual a sua função (se tem alguma) no desenvolvimento? Deverá apenas evangelizar?

Depois de uma larga e bem fundamentada exposição, Couturier sintetizou assim o problema: "O compromisso concreto ao serviço do desenvolvimento (luta contra a miséria e a injustiça) não pode passar por estranho ao ministério sacerdotal. Mas, como para Cristo, a forma do compromisso sacerdotal é menos dar pão aos homens, ou saúde e trabalho, do que insuflar um espírito novo aos homens para que vivam as suas relações humanas de um modo que não seja o do egoísmo e da ambição do poder. A sua função primordial é realizar a sua vocação de *sábios* que despertam e orientam criticamente os projectos de desenvolvimento à luz do Evangelho."

**Esperança e Futuro da Missão.** A ciência e a técnica aceleraram o movimento da História e provocaram profundas transformações na atitude religiosa do homem. Como vai a Igreja dirigir-se a este homem concreto, agora e no futuro? Como vai ela adaptar-se a uma humanidade quase integralmente urbana, como será a do ano 2000?

A estas perguntas tentou responder, a meio da semana, e fazendo a ponte entre os dois oradores principais, o rev. dr. Manuel Marques Gonçalves. A situação da Igreja será cada vez mais uma situação de minoria, o que a não impedirá de ser fermento de unidade e comunhão entre os homens, a partir sobretudo da vida cristã autêntica e profunda de pequenas comunidades, fraternas e verdadeiras.

**O Caso Português.** A IX Semana de Estudos Missionários teve uma larga participação de jovens, desejosos de viver o seu Cristianismo num empenhamento generoso ao serviço dos homens do seu País. E os problemas concretos e actuais (não somos um País sem problemas!) estiveram sempre presentes como pontos de referência e pedra-de-toque duma reflexão teórica de outro modo se reduziria a puro academismo. Nos trabalhos de grupos e nos debates em plenário, a realidade portuguesa (metropolitana e ultramarina) foi abordada de vários ângulos. Mas tratava-se ainda e sempre de aspectos fragmentários. Um ensaio de visão global seria dado por um técnico, o prof. Mário Murteira, na conferência que encerrou os trabalhos da Semana — "Igreja e desenvolvimento: perspectivas portuguesas" —, análise sobre o estado actual e perspectivas da sociedade portuguesa, numa fase de transição que é, ou pretente ser, de arranque decisivo.